

SÁBADO, 26 DE OUTUBRO DE 2024

(PENSAR)

ESTADO DE MINAS



Uma leitura crítica para “Baumgartner”, último romance de PAUL AUSTER (1947-2024)

PÁGINAS 4 E 5

O QUE FICA DEPOIS DO FIM



MARTIN AMIS (1949-2023) reconstitui episódios marcantes de sua vida em “Os bastidores”

PÁGINAS 6 E 7



Artigo, depoimentos e seleção de poemas para lembrar ANTONIO CICERO (1945-2024)

PÁGINAS 8 E 9

Hugo Mãe: “Adoraria ser tão claro como Drummond”

“Literatura, amor e ancestralidade” é o tema da quarta edição do Festival Literário Internacional de Itabira (Flitabira), entre-quarta-feira (30/10) e domingo (3/11), na Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade, na cidade do poeta. Entre os convidados, o português Valter Hugo Mãe, que conversará com os itabiranos a respeito de seu novo livro, “Deus na escuridão” (Biblioteca Azul), em mesa com Itamar Vieira Junior e Bianca Santana, com a mediação de Tom Farias.

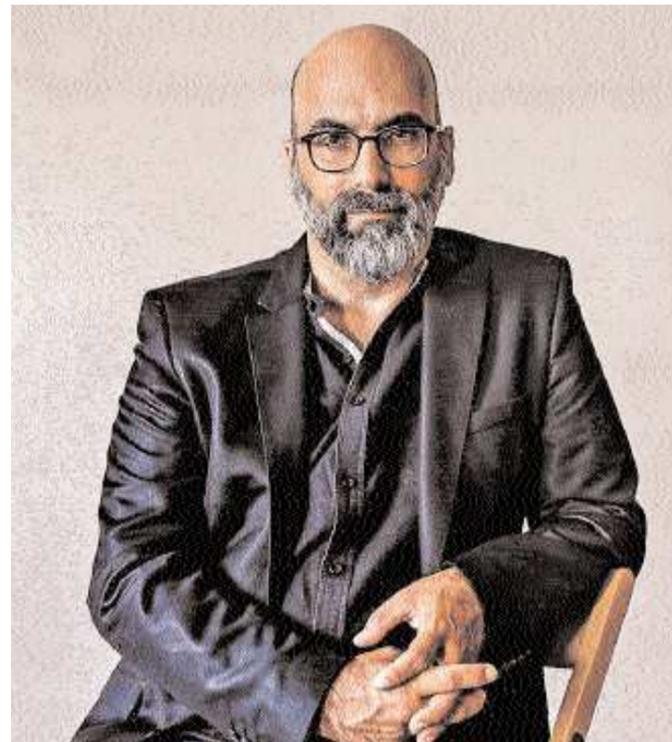
Dois dias antes, na segunda-feira, Valter Hugo Mãe estará em Belo Horizonte para participar do “Sempre um papo” com a jornalista e escritora Leila Ferreira, no auditório da Cemig (Av. Barbacena, 1.200, Santo. Agostinho), às 19h30. Antes dos dois encontros com os mineiros, o autor de “A máquina de fazer espanhóis”, “As mais belas coisas do mundo” e “O filho de mil homens” (que chegará aos cinemas em filme dirigido por Daniel Rezende e estrelado por Rodrigo Santoro) conversou com o Pensar.

Podemos dizer que “Deus na escuridão” é um livro sobre fraternidade?

Sim. Ele inteiro é sobre o amor fraterno, que cobiça o amor das mães, que, por sua vez, educa o amor de Deus. Para mim, amar é ao tamanho das mães e todos, abaixo e acima das mães, aprendemos por elas o que é amar.

O que significa para você falar sobre os seus livros na terra de Drummond? Como a poesia de Drummond o impacta?

Ir à terra de Drummond é uma responsabilidade feita também



TRECHO (De “Deus na escuridão”)

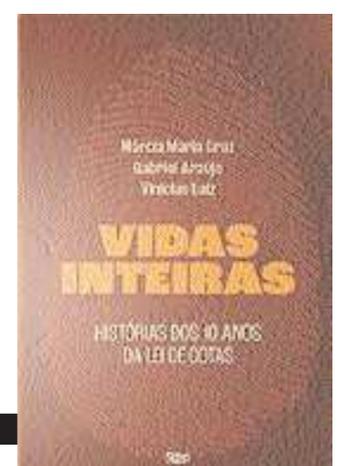
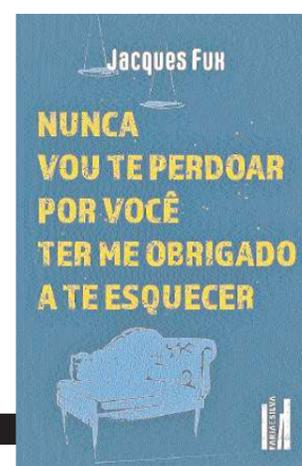
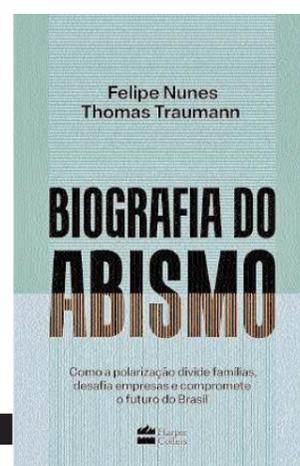
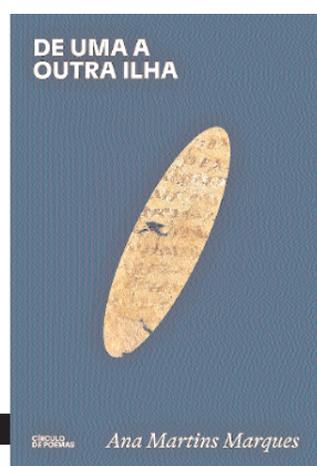
“Os irmãos, haviam-me explicado, são uma companhia para sempre, para depois da morte de todos os mais velhos. Quando eu houver de ser velho também, quando tudo se houver de tornar desconhecido, meu irmão perderá. Por meu sangue e por afecto. Perduraremos e saberemos lembrar e honrar as mesmas pessoas e as mesmas coisas. E teremos a glória de haver superado o que nos quis abater. Carregaremos a dignidade de nossa família, seremos tudo quanto houver de nossos pais e diremos cada palavra como corais, esse colectivo de gente que conterà sempre Mariinha e Julinho dos Pardieiros. Para onde formos, seremos muitos. Orgulhosos e muitos. Nossa boca dirá por todos.”



de maravilha. Drummond é um poeta de subtilezas e frontalidades. É um poeta que denuncia tudo, cada coisa fica como nua em seus versos. Admiro demasiado. É um grande gênio brasileiro e do mundo, sempre admirei sua clareza. Adoraria ser tão claro assim. Mas temo ser mais truculento. Menos limpo.

“O filho de mil homens” chegará aos cinemas em filme dirigido por Daniel Rezende, com Rodrigo Santoro. O que espera da visão do diretor brasileiro para o seu livro?

Eu procuro distanciar-me do processo. Não quero criar ansiedade e sei que essa será a obra de Daniel, não será exatamente a minha. Então, eu sei que vou adorar. Estou feliz que o diretor seja o Daniel e que o elenco seja esse grupo lindo de gente. Estou muito feliz e honrado. Não aguento esperar por ver o resultado. Faço votos para que fique logo pronto e disponível.



Poesia na Scriptum

“Objetos particulares”

meus objetos são todos particulares
não seriam meus se não os fossem
se fossem de outro seria eu outro
porque sem meus objetos particulares
todos os meus objetos são particulares
mas nenhum deles me é íntimo
a não ser o canivete,
que me conhece a carne



Poema do livro “Idioma próprio”, de Diogo da Costa Rufatto, que será lançado neste sábado, das 11h30 às 14h30, na Scriptum (R. Fernandes Tourinho, 99, Savassi, BH)

Jabuti e os mineiros

Os mineiros Ana Elisa Ribeiro (“Causas não naturais”, contos), Ana Martins Marques (“De uma a outra ilha”, poesia), Felipe Nunes (“Biografia do abismo”, biografia e reportagem), Jacques Fux (“Nunca vou te perdoar por ter me obrigado a te esquecer”, romance), Mária Maria Cruz, Vinícius Luiz e Gabriel Araújo (“Vidas Inteiras – histórias dos dez anos da Lei de Cotas”, educação) estão entre os dez semifinalistas das 22 categorias do Jabuti, o mais tradicional prêmio literário brasileiro. No dia 5 de novembro, serão divulgados os cinco finalistas em cada categoria. O prêmio será entregue no Auditório Ibirapuera, em São Paulo, no dia 19 de novembro.



“DA DESILUSÃO”

- De Ana Lúcia Bahia, Carla Derzi, Cidléa Barbosa, Regina Pachêco, Regina Teixeira da Costa, Rosely Gazire Melgaço e Thaís Gontijo
- Organização de Ana Maria Portugal, Gilda Vaz, Maria Auxiliadora Bahia e Regina Beatriz Simões
- Conceito Editorial
- 134 páginas
- R\$ 60
- Lançamento no Centro Cultural Unimed BH Minas (Rua da Bahia, 2244), na próxima quinta-feira (31/10), das 19h às 21h

**Como é que se pode gostar do verdadeiro no falso?
Amizade com ilusão de desilusão.**

**Pensar mal é fácil, porque esta vida é embrejada.
A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar.**

Guimarães Rosa, “Grande sertão: veredas”

O presente de uma desilusão

Leia o prefácio de Jacques Fux para o livro “Da desilusão”, com artigos de psicanalistas mineiros e lançamento na próxima quinta-feira

JACQUES FUX
ESPECIAL PARA O EM

“Dois judeus russos estavam desesperados de fome. Já não podendo mais continuar, viram um anúncio numa igreja ortodoxa com os dizeres: ‘30 rublos pela conversão.’ Jacob e Abrão se entreolharam e, sem outras alternativas, Jacob decidiu entrar na igreja. Ao sair, Abrão foi logo perguntando: ‘E os 30 rublos?’. Jacob, com um olhar de desdém, contestou: ‘Vocês judeus só pensam em dinheiro’”.

Nesse pequeno chiste, em que o gostar do verdadeiro no falso se apresenta como uma amizade com ilusão de desilusão, há ainda tantas outras ilusões, desmisturas e desilusões: a ilusão do “convertido”, de sua possível assimilação a uma outra cultura diferente e estranha; a desilusão do amigo, que aguardava ansioso pelo dinheiro fictício que lhe traria a suspensão momentânea da fome fisi-

ca, mas jamais a suspensão da fome latente na alma; a ilusão da inclusão, do fim das inúmeras diásporas, da resignação ante aos designios inapreensíveis de um deus... gozador. E, claro, o fim dessa eterna ilusão diante do fantasma do “estrangeiro”.

Freud já havia enunciado, lá em Moisés, que o ódio ao outro repousa justamente na ilusão paradigmática da figura do judeu – essa representação ancestral do unheimlich das massas. O judeu, a judeidade, o povo judeu personificando a experiência de estrangeiridade, introjetando uma relação conflituosa, dolorosa e paradoxal de ser estrangeiro tanto para si quanto para o outro. Freud também já havia refletido sobre as desilusões e morte ao pensar na Primeira Guerra e na decepção do homem em relação à sua capacidade

de resolver conflitos de modo pacífico.

O tempo passou, o mundo foi novamente se iludindo, criou-se um Estado Judeu com a fantasia de inclusão e aceitação do outro e também de si. Mas guerras foram ressurgindo junto com o aumento dos refugiados, das migrações e do ódio estrangeiro.

Então, no nascer do dia 7 de outubro de 2023, Freud foi revisitado. Assim, com a barbárie instaurada, com a vingança perpetuando um futuro sem esperança, com a figura do unheimlich das massas escancarando todo o ódio e toda estrangeiridade do outro em si, o presente se tornou desilusão.

Fica, pois, o convite deste livro: voltar a Freud e refletir nossas inquietações, ilusões e desilusões de pertencimento, (des)encontro e desesperanças. ■

SOBRE O LIVRO

Terceira parte de trilogia, “Da desilusão” é um lançamento da Conceito Editorial e sucede “Da solidão” e “Da diferença”. Com 11 artigos, o livro tem organização de Ana Maria Portugal, Gilda Vaz, Maria Auxiliadora Bahia e Regina Beatriz Simões. Além das organizadoras, participam da publicação as psicanalistas Ana Lúcia Bahia, Carla Derzi, Cidléa Barbosa, Regina Pachêco, Regina Teixeira da Costa, Rosely Gazire Melgaço e Thaís Gontijo. Além do prefácio de Jacques Fux, o livro tem orelha do psicanalista Fábio Borges e posfácio da também psicanalista Márcia Rosa.

◆
JACQUES FUX é escritor, autor de livros como “Nobel”, “Meshuga” e “Antiterapias”

PAUL

REENCONTRO NA DESPEDIDA

SÉRGIO DE SÁ
ESPECIAL PARA O EM

O último romance do norte-americano Paul Auster (1947-2024), certeiro e comovente, traz no título o sobrenome do protagonista, Baumgartner, viúvo, professor de filosofia em Princeton, à beira da aposentadoria. O narrador conta a história dele, do relacionamento com Anna e derivações de sua família de migrantes judeus. No começo, o personagem está em casa, escreve um livro sobre o filósofo dinamarquês Kierkegaard e precisa lidar com questões domésticas.

O Auster da despedida percorre justamente – e outra vez – a trilha da vida intelectual entrecruzada a afazeres bastante tangíveis na existência cotidiana, relacionados à casa ou ao trabalho. Um devir que aparece sob a forma de dever, a tal ponto inevitável na realidade que atinge em cheio o corpo e suas quedas, em vários momentos dos cinco capítulos da obra. Se Auster nunca distancia sua literatura do pensamento sobre a verdade dentro da linguagem, cabe a pergunta: como sobreviver fora da palavra dor ou fora da dor da palavra?

Acompanhamos Sy (abreviação de Seymour) Baumgartner em incidentes banais e no acidente que mudou o rumo de todas as coisas, o amor entre elas. Há dez anos, o mergulho de Anna no mar era para não ser nada demais, fato corriqueiro. Entretanto, desemboca como a tragédia que impulsiona o aqui e agora da narrativa, com as redundâncias

(im)possíveis. O acontecimento inicial do romance (queimar a mão na panela num dia qualquer) leva ao encontro com um novo e improvável amigo. Daí ressurgem a generosidade – alguma esperança, afinal.

Baumgartner está sempre entre a seriedade controlada do texto escrito e a voluptuosidade do contato humano. O texto em elaboração sobre Kierkegaard, “Mistérios do volante”, é novidade em sua obra, maneira mais “livre” de encarar os problemas filosóficos. Uma “divagação sério-cômica, quase ficcional sobre o eu em relação aos outros eus”, na direção de uma máquina concreta e bastante norte-americana: o automóvel. Paralelamente, volta à poesia da companheira de vida toda por conta de tese que será escrita sobre ela. A carta da jovem e talentosa estudante de pós-graduação, interessada em estudar

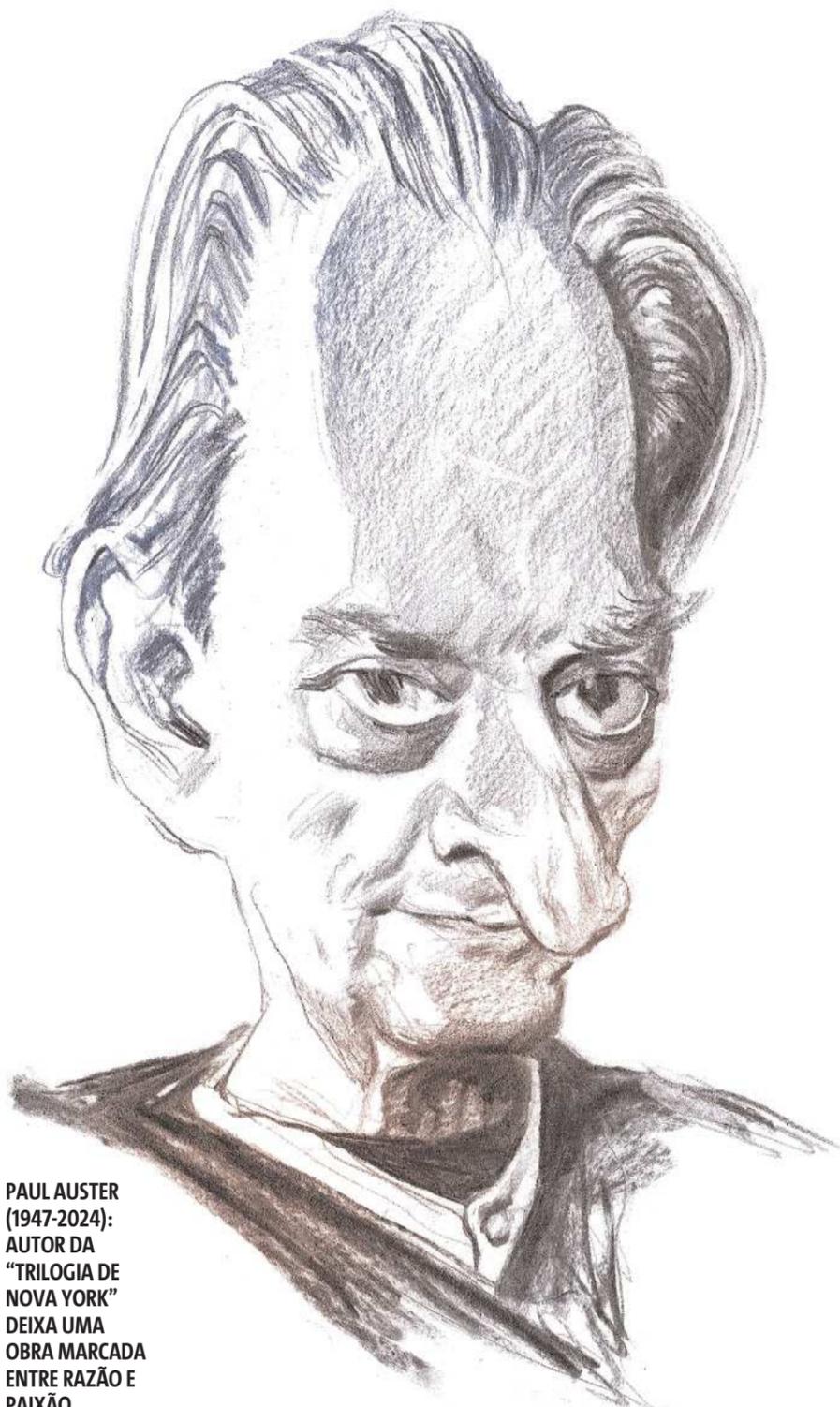
Último romance de Paul Auster, “Baumgartner” tem várias pegadas de outras histórias do autor norte-americano e, de modo natural, inclui reflexões sobre o envelhecimento e sobre a ausência de quem nunca mais estará entre nós

o legado de Anna, é o delírio possível a essa altura da vida.

Baumgartner força o encontro com o comum, porque a solidão que inventou para si já não basta. Parte do prazer de ler Paul Auster está na linguagem acessível que nos transporta a lugares familiares. E ele faz isso como o amigo bacana e bom contador de histórias, do qual desconfiamos de bom grado, porque sabemos se tratar de ficção. Lançado em 2023 nos Estados Unidos, o romance tem várias pegadas de outras histórias do autor e, de modo natural, inclui reflexão sobre o envelhecimento e o que será de nós que temos mais tempo no retrovisor do que no para-brisa.



AUSTER



PAUL AUSTER
(1947-2024):
AUTOR DA
"TRILOGIA DE
NOVA YORK"
DEIXA UMA
OBRA MARCADA
ENTRE RAZÃO E
PAIXÃO

Auster, sabemos, gosta do jogo ausência-presença. "Baumgartner", o livro e o homem, é ainda sobre a permanência de Anna, a poeta e a mulher. Ela deixa relatos para que nós, leitores, tenhamos acesso ao seu ponto de vista. Lemos Anna em poemas ou anotações biográficas para, junto com o protagonista, sentirmos saudade da companhia que se foi. Brechas de surpresa se abrem para o leitor, mas essa relação não pula o córrego da imaginação, isto é, está sempre ancorada, ainda que tenha dimensão poética.

Auster é guru do real: a literatura, oferenda entre a razão e a paixão, jamais derramada em excesso para um dos lados. Quando Baumgartner pesquisa a "síndrome do membro fantasma", em que uma parte do corpo literalmente extirpada se mantém ainda ativa na imaginação (a pessoa "sente" o dedo amputado, por exemplo), isso pode funcionar como metáfora para a literatura. O autor da "Trilogia de Nova York" consegue manter o leitor seguro em realismo cuja fantasia se dá somente como potência.

Ele, mais uma vez, brinca literariamente com a própria biografia (sem ser austero, podemos arriscar dizer?). Pós-moderno avant la lettre e despojado, deixa-se contaminar à vontade pela experiência da vida vivida e inventa outras vidas para o autor ao traçar histórias de uma suposta Ruth Auster e sua família, braço genealógico de Baumgartner. E assim vai confundido as tramas, num bom sentido. Faz parte do seu jogo de beisebol particular. Ele arremessa em curva e confia no taco do leitor.

Houve quem visse no livro alguma dispersão: muitas estradas abertas e não fechadas. Auster está perdoado pelo que oferece, como sempre, de afeto sincero saído de frases nunca exibicionistas, mesmo quando às voltas em um mundo requintado de prosa filosófica e poesia intimista. A tradução de Jorio Dauster consegue manter esse clima de reencontro com aquele velho conhecido, sábio que conta (em terceira pessoa, nesse caso) suas experiências sem querer dar lições de moral, porque sabe: toda certeza carrega um troçoço que nos obriga a voltar ao princípio.



SÉRGIO DE SÁ, doutor em Estudos Literários pela UFMG, é professor associado na Faculdade de Comunicação da UnB e autor de "A reinvenção do escritor: literatura e mass media" (2010) e "Bernardo Sayão: caminhos, afetos, cidades" (2023).



"BAUMGARTNER"

- Paul Auster
- Tradução de Jorio Dauster
- Companhia das Letras
- 174 páginas
- R\$ 79,90

TRECHO

(De "Baumgartner", de Paul Auster, tradução de Jorio Dauster)

"Você se culpa, disse a terapeuta, é o que está me falando.

Não, não me culpo. Teria sido inútil insistir. Ela não era alguém que fazia o que lhe fosse dito, que aceitasse ordens. Era uma mulher adulta, não uma criança, e sua decisão de adulta era que ia cair na água de novo. Eu não podia impedi-la, não tinha esse direito.

Se não é culpa, então é uma sensação de arrependimento, até de remorso.

Não e não de novo. Posso ver em sua expressão que sente que estou resistindo a você, mas não estou. É só que preciso definir bem nossos termos antes de mergulharmos na conversa. Sim, ela ainda estaria viva se não tivesse voltado para a água, mas não teríamos durado juntos mais de trinta anos se eu tivesse tentado fazer coisas do tipo impedir que voltasse a cair na água quando quisesse. A vida é perigosa, Marion, e tudo pode acontecer conosco a cada minuto. Você sabe disso, eu sei disso, todo mundo sabe – e, quem não sabe, bom, não está prestando atenção. E, se você não presta atenção, não está de todo vivo."

MARTIN

NÃO SE ESQUEÇA DE LER, ESCREVER... E VIVER

ANDRÉ DE LEONES
ESPECIAL PARA O EM

N o começo de “Os bastidores”, Martin Amis (1949-2023) identifica “um subgênero de romances longos, digressivos e ensaísticos” conhecidos como “monstros folgados”. Ele cita como exemplo “O legado de Humboldt”, de Saul Bellow, mas afirma que, não obstante o sucesso popular dessa espécie de livro até outro dia, seu público diminuiu “em oitenta ou noventa por cento”, pois os “leitores não estão mais nesse lugar, a paciência, a boa vontade, o entusiasmo autodidata não estão mais presentes”. Claro que isso não o impediu de, em seu derradeiro esforço literário, escrever um belíssimo monstro folgado.

Amis apresenta “Os bastidores” como um romance. Autor de um excelente volume de memórias, “Experience” (2000), ele aponta noutra direção aqui. A intenção é de embaçalhamento. Personagens reais convivem com criações ficcionais (sendo Phoebe a mais importante delas, amálgama não só de indivíduos com quem conviveu, mas também de personagens de outros livros do autor). O fato de que Amis não rotula a obra como “autoficção” diz muito de sua inteligência e de sua indisposição para com os modismos e estultices contemporâneos.

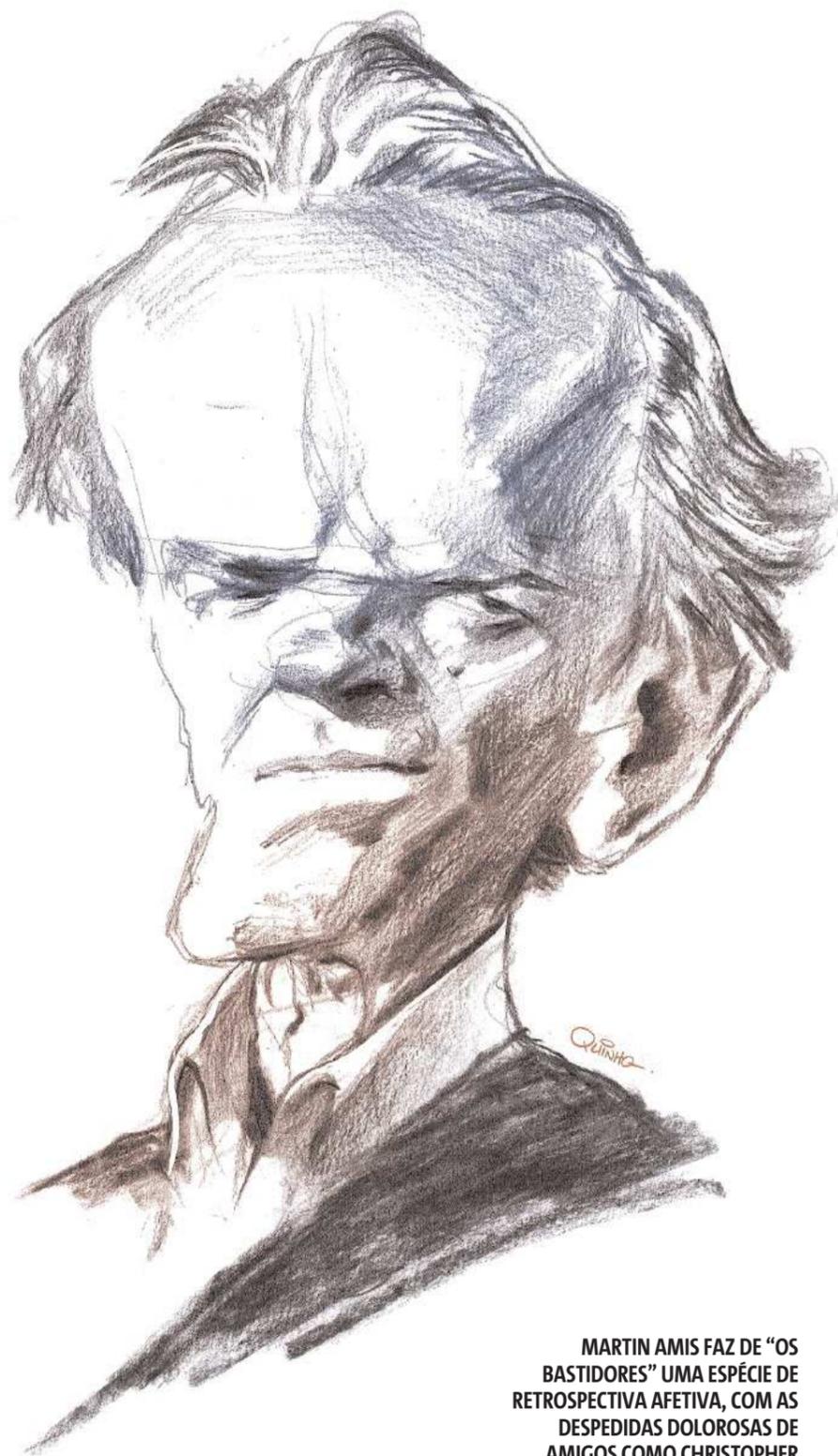
É possível dizer que ele sempre foi assim. Filho de Kingsley Amis, um dos maiores gênios cômicos das letras inglesas, e enteado da romancista Elizabeth Jane Howard (a grande responsável por torná-lo um leitor), Amis começou a publicar com relativo sucesso nos anos 1970, mas só “chegou lá” com seu quinto romance: “Grana” (1984). Ficcionalizando a própria experiência como roteirista de uma produção hollywoodiana, ele criou uma sátira de primeira linha, marcada por uma

Nas quase 600 páginas de “Os bastidores”, o inglês Martin Amis (1949-2023) mistura ficção e memórias para se despedir da vida e da literatura em grande estilo

narração em primeira pessoa de clara inspiração nabokoviana — o autor de “Lolita”, aliás, era um dos seus prediletos. Ele deu prosseguimento a essa autópsia das enfermidades atuais em “Campos de Londres” e no muito subestimado “A informação”, antes de se ocupar de temas históricos complexos, como o 11/9 (no conto “Os últimos dias de Mohammed Atta”, por exemplo), o genocídio stalinista (em “Casa de encontros”) e a Shoah (em “Zona de interesse”), e de um enorme trauma sofrido — a morte precoce da irmã, Sally — em “A viúva grávida”.



AMIS



MARTIN AMIS FAZ DE "OS BASTIDORES" UMA ESPÉCIE DE RETROSPECTIVA AFETIVA, COM AS DESPEDIDAS DOLOROSAS DE AMIGOS COMO CHRISTOPHER HITCHENS (1949-2011)

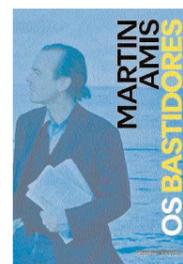
O leitor não encontrará n' "Os bastidores" uma retrospectiva profissional, mas, sim, uma espécie de retrospectiva afetiva. Há nele uma nota bem-humorada a nos lembrar de que a "vida do escritor é tripartida, dividida entre escrever, ler e... ah, sim, viver. Não se esqueça de viver. Isso tem que ser feito também". Amis, por certo, não se esqueceu de viver. Atente para os papos com Bellow, Christopher Hitchens e a esposa (a leitura da carta da ex-amante é formidável), e para a fauna no festival literário francês.

Mas o romance é estruturado em torno de despedidas dolorosas — incluindo, inadvertidamente, a do próprio autor. Essas despedidas são de um "pai" (não Kingsley, mas Bellow), de outro "pai" (o poeta Philip Larkin) e de um "irmão" (Hitchens). Ao longo da narrativa, esses indivíduos (e a fictícia Phoebe) se alternam no proscênio, seja sob pretextos ficcionais (quando se sugere que a paternidade de um deles seja literal e não metafórica), seja sob o peso da doença (Alzheimer, câncer). Em um certo sentido, sobretudo se pensarmos nele agora, "Os bastidores" é uma longa preparação para a morte do autor, a morte efetiva, material, física. A fim de se preparar para a própria morte, nada melhor do que elaborar as mortes de outrem. E, quanto mais próximos forem os outros, melhor.

Isso talvez pareça mórbido, mas não é o caso. Por um lado, Amis se ocupa em descrever "o trabalho escravo de morrer", "o grande suor da morte", e a sensação que experimentamos quando perdemos alguém próximo, quando provamos "os antigos sabores de desistência e derrota", de "desamparo", "uma espécie de desamor terrestre: o paraíso a meu redor não se tornou infernal ou purgatorial, tornou-se comum". Mas, por outro lado, o talento e o humor de Amis impedem que o livro se torne um calhamaço de lamentações. Assim, por exemplo, ao relatar o expirar de Bellow, há o aceno de "uma aventura", "uma travessia", bem como "um olhar do coração, um olhar ardente" para a pessoa amada. Não creio que exista uma forma melhor de se despedir.



ANDRÉ DE LEONES é autor do romance "Vento de queimada" (Record), entre outros



"OS BASTIDORES"

- De Martin Amis
- Tradução de José Rubens Siqueira
- Companhia das Letras
- 592 páginas
- R\$199,90

TRECHO

(De "Os bastidores", de Martin Amis)

"Borges, em sua longa conversa com a 'Paris Review', a certa altura falou com perplexidade sobre todas as pessoas que simplesmente não percebem o mistério e o glamour do mundo observável. Em uma frase que se destaca pela simplicidade, ele disse: 'Elas tomam tudo como certo'. Aceitam o valor das coisas 'ao pé da letra'...

Os escritores não tomam nada como garantido. Olhe o mundo com 'seus olhos originais', com 'seu primeiro coração', mas não 'banque' a criança, não 'banque' o inocente, não examine uma laranja como um homem das cavernas que brinca com um iPhone. Você sabe mais do que isso, você é melhor do que isso. O mundo que vê lá fora é ulterior: é diferente do que é óbvio ou aceito.

Portanto, nunca tome uma única partícula como garantida. Não confie em nada nem ouse se acostumar com nada. Surpreenda-se sempre. Aqueles que aceitam o valor nominal das coisas são os verdadeiros inocentes, cativantes e racionais de um jeito invejável: racionais demais para tentar um romance ou um poema. Não questionam, sim, é isso. São os desavisados."

POEMAS
SELECIONADOS

POR STEFANIA CHIARELLI

“Canção do prisioneiro”

Mesmo preso em minha cela,
Reconheço os passos dela.
Não costumo me enganar.
Ela vem bem devagar,
Quase parando, e talvez
qualquer dia pare mesmo,
dê uma volta, e era uma vez.
Ela finge andar a esmo
e de quatro em quatro passos
arrasta no chão o salto
de um dos seus sapatos altos.
Já está perto. Abro meus braços.
O carcereiro abre a cela
Vizinha. Não era ela.

“Sair”

Largar o cobertor, a cama, o
medo, o terço, o quarto, largar
toda simbologia e religião; largar o
espírito, largar a alma, abrir a
porta principal e sair. Esta é
a única vida e contém inimaginável
beleza e dor. Já o sol,
as cores da terra e o
ar azul – o céu do dia –
mergulharam até a próxima aurora; a
noite está radiante e Deus não
existe nem faz falta. Tudo é
gratuito: as luzes cinéticas das avenidas,
o vulto ao vento das palmeiras
e a ânsia insaciável do jasmim;
e, sobre todas as coisas, o
eterno silêncio dos espaços infinitos que
nada dizem, nada querem dizer e
nada jamais precisaram ou precisarão esclarecer.

“Guardar”

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, isto
é, estar por ela ou ser por ela,
isto é, estar por ela ou ser por ela.
Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro
Do que um pássaro sem voos.
Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:
Para guardá-lo:
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
Guarde o que quer que guarda um poema:
Por isso o lance do poema:
Por guardar-se o que se quer guardar.

PARA GUARDAR

ANTONIO

RAFAEL FAVA BELÚZIO
ESPECIAL PARA O EM

Guardar um poeta não é esconder ou trancar a sua obra. Em cofre não se guarda coisa alguma. Guardar um poeta é olhar e escutar, ler, mirar por admirar a sua poesia. É interpretar os seus versos ou ser interpretado por eles. Por isso o poeta escreve, diz, publica, por isso se declara ou declama seu poema: para guardar. Com o último voo de Antonio Cicero (1945-2024), é urgente guardarmos o que o escritor guardou.

A obra de Cicero é uma das mais importantes produções da literatura brasileira contemporânea. Incluído por Ítalo Moriconi na antologia dos cem melhores poemas brasileiros do século 20. Letrista de vários hits da MPB, como “À francesa” (gravada por sua irmã, Marina Lima), “Maresia” (Adriana Calcanhoto) e “O último romântico” (Lulu Santos). Membro da Academia Brasileira de Letras. E são maduros muitos de seus versos, e não apenas um ou dois, compondo fortes volumes de poemas, como “Guardar” (1996), “A cidade e os livros” (2002) e “Porventura” (2012).

Nessas publicações, a poesia de Antonio Cicero consegue recolocar muitas tradições e ao mesmo tempo apresentar uma dicção amena. Aparecem nele diversos legados filológicos, especialmente materialistas e em re-

cusos de pensadores metafísicos. Ecoa também o universo grego antigo, bem como dialoga com a MPB, especialmente com Vinícius de Moraes. Em sua lírica, há certo pendor clássico, mas aberto ao contemporâneo. São audíveis elementos parnasianos, como o gosto pelo soneto, porém reconfigurado e atento a um vocabulário mais modernista e cotidiano. Lembra, assim, Manuel Bandeira, além de ter forte influência de Drummond. A contenção do lirismo, algo também bastante modernista e muito em interface com João Cabral, não deixa de trazer aos versos do poeta límpidas declarações de amor a seu companheiro, Marcelo Pies, e delicados homoerotismos.

Além disso, na sua lírica consciente de legados poéticos da língua inglesa, há uma paixão recolhida na tranquilidade. Nos versos de Cicero, o poeta e o mundo estão fundidos, o poeta está no mundo e, ao mesmo tempo, pensa sobre o mundo, sobre si e sobre sua linguagem, de maneira que a disjunção entre poesia e filosofia, mais visível no ensaio “Poesia e filosofia” (2012), não seja tão notada em um livro como “Guardar”. Aliás, nos momentos em que exerce mais a metalinguagem de poeta-crítico, recusa a estética da poesia mar-

Artigo de Rafael Fava Belúzio e depoimentos de Vladimir Safatle, Valter Hugo Mãe e José Miguel Wisnik homenageiam o poeta e filósofo, que tomou a decisão de se despedir da vida na última quarta-feira, na Suíça, em morte assistida

ginal, mas não fica longe do turbilhão da rua. Enfim, por esses matizes, Antonio Cicero está alinhado às gerações brasileiras de 1980 e 1990, nas quais se vê ainda autores como Paulo Henriques Britto e Eucanaã Ferraz.

Em 2014, Antonio Cicero realizou a conferência “A dimensão da poesia”, na Academia Mineira de Letras, em Belo Horizonte. Na ocasião, leu e comentou alguns de seus melhores poemas, demonstrando uma lucidez arguta na elaboração de recursos poéticos. Analisou, sutilmente, a presença de assonâncias e aliterações nos versos, mas sem se apoiar em clichês acústicos, uma vez que reinventa possibilidades de significação para algumas sequências de sons e expande o que quer e o que pode a língua. Nessa noite, na AML, o escritor evitou também a leitura muito performática, havendo uma sensível contenção na hora de declamar, favorecendo a percepção do traço meditativo de seus escritos.

Esse mesmo traço meditativo está presente no poema “Nênia”, da obra “A cidade e os livros”. Ler essa nênia, esse canto fúnebre composto por Antonio Cicero, talvez seja um modo de agradecer ao escritor pela sua literatura pensante e comovida:



(PENSAR)

SÁBADO, 26 DE OUTUBRO DE 2024

“Virgem”

As coisas não precisam de você:
 Quem disse que eu tinha que precisar?
 As luzes brilham no Vidigal
 E não precisam de você;
 Os dois irmãos
 Também não.
 O Hotel Marina quando acende
 Não é por nós dois
 Nem lembra o nosso amor.
 Os inocentes do Leblon,
 Esses nem sabem de você
 Nem vão querer saber
 E o farol da ilha só gira agora
 Por outros olhos e armadilhas:
 O farol da ilha procura agora
 Outros olhos e armadilhas

“O poeta marginal”

Em meio às ondas da hora
 e às tempestades urbanas
 conectarei as palavras
 que trovarão novas trovas
 Lerei poemas na esquina,
 darei presentes de grego;
 a cochilar com Homero,
 farei negócios da China.
 Exporei tudo na rede
 Sem ganhar nem um vintém:
 A vaidade, a fome, a sede,
 certo truque, rara mágica.
 Que não se engane ninguém:
 ser um poeta é uma África.

“Dilema”

O que muito me confunde
 é que no fundo de mim estou eu
 e no fundo de mim estou eu.
 No fundo
 sei que não sou sem fim
 e sou feito de um mundo imenso
 imerso num universo
 que não é feito de mim.
 Mas mesmo isso é controverso
 se nos versos de um poema
 perverso sai o reverso.
 Disperso num tal dilema
 o certo é reconhecer:
 no fundo de mim
 sou sem fundo.

“Água Perrier”

Não quero mudar você
 nem mostrar novos mundos
 pois eu, meu amor, acho graça até mesmo em clichês.

Adoro esse olhar blasé
 que não só já viu quase tudo
 mas acha tudo tão déjà vu mesmo antes de ver.

Só proponho
 alimentar seu tédio.
 Para tanto, exponho
 a minha admiração.
 Você em troca cede o
 seu olhar sem sonhos
 à minha contemplação:

Adoro, sei lá por que,
 esse olhar
 meio escudo
 que em vez de meu álcool forte pede água Perrier.

CICERO

“A morte nada foi para ele, pois enquanto vivia não havia a morte e, agora que há, ele já não vive. Não temer a morte tornava-lhe a vida mais leve e o dispensava de desejar a imortalidade em vão. Sua vida era infinita, não porque se estendesse indefinidamente no tempo, mas porque, como um campo visual, não tinha limite. Tal qual outras coisas preciosas, ela não se media pela extensão mas pela intensidade. Louvamos e contemos no número dos felizes os que bem empregaram o parco tempo que a sorte lhes emprestou. Bom não é viver, mas viver bem. Ele viu a luz do dia, teve amigos, amou e floresceu. Às vezes anuviava-se o seu brilho. Às vezes era radiante. Quem pergunta quanto tempo viveu? Viveu e ilumina nossa memória”.



RAFAEL FAVA BELÚZIO possui graduações em Letras (UFV) e Filosofia (UFMG), mestrado e doutorado em vEstudos Literários (UFMG) e atualmente realiza pós-doutorado (UFES/CNPq).

DEPOIMENTOS

“Poeta da elegância, Antonio Cicero não acabou. Apenas virou verso. Verso do corpo. Está no verso de cada coisa.”

Valter Hugo Mãe,
no Instagram

“A morte de Antonio Cicero, escolhida e assistida ante o avanço da doença que mina a mente, é o ato soberano de um imenso poeta filósofo. Um ato límpido, adulto e amoroso. A vida é a afirmação e a aceitação do inegociável: a plenitude e a finitude.”

José Miguel Wisnik,
no Instagram

“A gente partilhava alguns espaços comuns de debates pessoalmente no interior do ciclo Mutações organizado pelo Adauto Novaes, uma oportunidade muito boa de conhecer o pensamento de cada um. Tínhamos embates muito produtivos e muito interessantes. A posição filosófica dele está no livro ‘O mundo desde o fim’ e é muito expressivo no sentido de uma espécie de liberalismo esclarecido que é uma coisa rara, na verdade, com um certo comprometimento racionalista e uma autocrítica da modernidade. Então ele tinha essa posição que não é a minha, mas ele tinha uma reflexão extremamente generosa, muito rica sobre a experiência literária, poética. Acho que todos nós lembramos muito dele por causa disso. Pela qualidade da sua poesia e por ter elevado a canção brasileira, num dado momento, a um patamar poético bastante impressionante.

A gente perde uma figura não só híbrida, mas anfíbia. Um elemento raro dentro da intelectualidade brasileira. Alguém que era, ao mesmo tempo, um filósofo muito consciente e um poeta inegavelmente criativo responsável por algumas belas poesias e belas reflexões poéticas. Ele consegue entender que o poema, assim como a filosofia, é uma forma de pensamento.”

Vladimir Safatle, filósofo,
em depoimento ao Pensar

Transportando Brecht de BH a Guanajuato

Eduardo Moreira narra, em diário publicado com exclusividade pelo Pensar, a viagem ao México do Grupo Galpão, patrimônio cultural mineiro, para a apresentação do espetáculo “Cabaré Coragem” no tradicional Festival Cervantino



EDUARDO MOREIRA
ESPECIAL PARA O EM

O Grupo Galpão acaba de retornar de uma extenuante e, ao mesmo tempo, encantadora viagem relâmpago ao México. O grupo foi uma das inúmeras companhias convidadas a participar do tradicional Festival Cervantino, realizado, anualmente, na bela cidade histórica de Guanajuato.

O Cervantino completou sua edição 52 (a primeira foi em 1972) e se consolidou como um dos principais eventos culturais do México e da América Latina. A edição de 2024 teve, como convidados

de honra, o Brasil e a província mexicana de Oaxaca, e contou com mais de 47 espetáculos, entre teatro, dança, filmes e shows musicais.

O convite e a oportunidade de encontrar o público mexicano nos fizeram empreender uma viagem que totalizou mais de 40 horas de avião, entre Belo Horizonte, São Paulo e a cidade do México, com mais 12 horas de trajeto de ônibus entre Guanajuato e a capital, em seis dias. Um tour de force um tanto desaconselhável para um grupo de artistas já sexagenários, mas que acabou recompensado pelo entusiasmo e pela alegria da recepção dos mexicanos ao nosso espetáculo.

A seguir, um breve diário de viagem desse périplo do Galpão, que celebrou nossa terceira visita ao México, dessa vez, com o espetáculo “Cabaré Coragem”.

QUARTA, 9/10

Saída da sede do Galpão, na rua Pitangui, no bairro da Sagrada Família, zona Leste de BH. O voo para Guarulhos está marcado para as cinco da manhã e, como temos que viajar com muitos volumes extras como malas de figurinos, adereços e instrumentos musicais, a prudência pede que cheguemos com antecedência. Duas horas da manhã, e a van leva o grupo, com nove pessoas, entre atores, técnicos e a produtora.

A penumbra da noite e o vazio das vias saltam aos nossos olhos para a triste realidade de como Belo Horizonte transformou-se numa cidade árida, com avenidas de passagem pouquíssimo arborizadas, feitas exclusivamente para a circulação de carros. O espaço urbano é concebido, única e exclusivamente, para o trânsito de veículos. Triste tendência, resultado de uma concepção equivocada de progresso, que só vai tornando a vida das pessoas mais e mais infernal. Uma tônica do planejamento urbano brasileiro que só faz com que nossas cidades fiquem cada vez mais feias e descaracterizadas.

A possibilidade de transportarmos apenas alguns volumes, sem ter que pagar excesso de bagagem, é fruto da organização e da gestão de meses e meses de negociações, com trocas de mapas das condições do teatro e a checagem das demandas técnicas para a realização do espetáculo. Todo o cenário está sendo construído pelo Festival Cervantino. É preciso fazer todo o trabalho de checagem e de finalização do acabamento, ao longo dos quase três últimos dias antes da apresentação. Quem assiste ao resultado final do espetáculo não pode imaginar o enorme esforço empreendido para pôr tudo no lugar.

Feitos a embalagem e o despacho do material, rumamos para o embarque. Os aeroportos transformaram-se em enormes construções faraônicas, com infindáveis corredores e portões a serem checados e percorridos. Depois das intermináveis perambulações por Confinos e Guarulhos, finalmente, estamos alojados em nosso voo, das 8h20, de São Paulo para a cidade do México. Uma viagem de nove horas, num avião bem vazio, que nos aliviou um pouco da recorrente sensação de estar numa lata de sardinha, que não passa de um tubo de metal lotado de querosene que rasga os céus de nosso sofrido planeta Terra.

Quase cinco da tarde no Brasil e duas no México, e, finalmente, desembarcamos no aeroporto Benito Juárez, no DF, como se referem os mexicanos à sua capital. Uma cidade das mais populosas do mundo, cheia de parques e museus, mas que também tem suas vias de circulação entupidas de carros por todos os lados. Na chegada do aeroporto, enormes filas na imigração. O México, por imposição dos EUA, exige visto de entrada para cidadãos brasileiros.

“Pobre México – tão longe de Deus e tão próximo dos Estados Unidos!”. A pressão do vizinho para que o país restrinja, a todo o custo, o acesso dos imigrantes que vêm das Américas Central e do Sul é cada vez mais sufocante. Mesmo a eleição de governos mais à esquerda, e, aparentemente, menos sujeitos às exigências impostas pelo império, não consegue diminuir a pressão pelo controle. A questão da imigração tornou-se ponto central na polarizadíssima eleição americana, e chegamos a extremos do ridículo, como a Fake News, divulgada por Trump, de que imigrantes teriam matado e comido bichinhos pet dos americanos na cidade de Springfield, no Ohio. Como se os americanos não precisassem dos imigrantes para limpar suas privadas! O fato é que as filas são grandes e os trâmites de verificação, penosos. Instruídos pela organização do Cervantino e pela produção do Gal-

pão, trazemos, a tiracolo, um verdadeiro dossiê, com cartas de recomendação, informações sobre o festival, testemunho da embaixada e cópia do visto de entrada.

Já em solo mexicano, trocamos alguns dólares por pesos, compramos chips para os celulares e adaptadores de tomadas, e já entramos numa van em direção ao hotel onde pernoitaremos na cidade do México. O cansaço é tamanho que só conseguimos comer uma refeição bem picante e cair na cama, desnorteados por um fuso horário com três horas de atraso.

QUINTA, 10/10

Nove horas da manhã, desayuno tomado, partimos para Guanajuato, numa viagem prevista para durar cinco horas, dependendo muito das condições do tráfego na saída da cidade. Há vários gargalos pelo caminho que os motoristas mexicanos parecem encarar com mais paciência e menos imprudências do que nós, brasileiros, no nosso dia a dia de engarrafamentos.

Quando deixamos para trás a agitação urbana, começam a surgir vastidões de campos floridos com margaridões e florzinhas amarelas e rosadas, com nuvens de borboletas que cruzam a estrada. Seguimos na direção Nordeste, no sentido das cidades de Queretaro e Leon. Guanajuato está numa região de montanhas. A viagem acaba durando seis horas, e o que resta do dia é dedicado a almoçar e dar uma caminhada pelas estreitas e agitadas ruelas da cidade.

Guanajuato foi um importante centro de exploração mineral, especialmente de prata e de ouro. A cidade tem oito quilômetros de túneis construídos em seu subterrâneo. Fundada em 1547, a cidade cujo nome significa “lugar cheio de rãs” ocupa uma região antes habitada pelos povos originários chichimecas e otomias. Com imponente arquitetura de estilo tipicamente espanhol, com casarões de sacadas e balcões, Guanajuato tem uma universidade imponente, igrejas, e um impressionante teatro, o Juarez, plantado bem no centro da cidade.

Visita ao teatro Principal, onde faremos nossa apresentação única do “Cabaré Coragem”. O teatro pertence à universidade e tem uma caixa bem ampla e com sinais de desgaste pelo tempo. O cenário decadente do nosso cabaré se assenta como uma luva na atmosfera do espaço. A proposta de fazer o cenário com tudo aberto, sem uso de pernas, escancara as entranhas da estrutura da caixa teatral, e isso é a cara de um cabaré decadente. Enquanto passeamos pelo palco e pelos bastidores do teatro, os últimos ajustes de colagem e pintura são feitos no cenário.

Conversamos, Julio, Inês e eu, com nossos receptivos mexicanos, Dália e Jorge, sobre ajustes da versão espanhola do texto. Será um enorme desafio fazer a peça em espanhol, e temos que tomar cuidado para que o esforço de suplantarmos as dificuldades não nos deixe travados. É preciso levar as coisas na brincadeira e no jogo. E pensar que alguns erros serão inevitáveis. A cena mais complicada e de difícil conexão com o público estrangeiro é a da transformação da Monga, cuja comicidade está muito calcada na história das joias roubadas das Arábias pelos Bolsonaro. Sem essa contextualização, a cena pode parecer um tanto vazia, e mesmo misógina. O caminho proposto para tentar encontrar uma conexão com a realidade mexicana é a de incluir uma referência a Martita Sagún, primeira-dama do presidente Fox, que ficou famosa pelas vultosas toalhas de mesa que comprava, aos botões, no exterior.



SÁBADO, 26 DE OUTUBRO DE 2024

SEXTA, 11/10

Estamos hospedados numa típica e aprazível estância espanhola, criada no auge do período da exploração da prata na cidade. O hotel funciona como base para a organização do festival e as coisas parecem funcionar razoavelmente bem.

A manhã de hoje é o tempo que nos sobra para fazer um pouco de turismo. Vamos visitar a casa onde nasceu o pintor Diego Rivera. Junto a Orozco e Siqueiros, Rivera é o grande expoente da vistosa arte muralista mexicana, escola que criou grandes murais públicos, contando a história do México sob o ponto de vista das classes populares. São impressionantes os murais de Rivera espalhados por locais icônicos da cidade do México, como o Palácio Nacional, o Palácio Bellas Artes e o Museu Mural Diego Rivera. A chamada “Casa azul”, no bairro de Coyoacan, onde Rivera viveu com Frida Kahlo, é um dos pontos turísticos mais visitados do México. Já o pequeno museu, instalado na casa onde o artista viveu até os seis anos, em Guanajuato, é uma típica casa espanhola com quatro andares, onde se encontra uma didática exposição sobre sua formação e seus primeiros passos na pintura, além de sua relação de amor e ódio com as vanguardas europeias, especialmente o cubismo, e, também, sobre sua admiração por Cézanne.

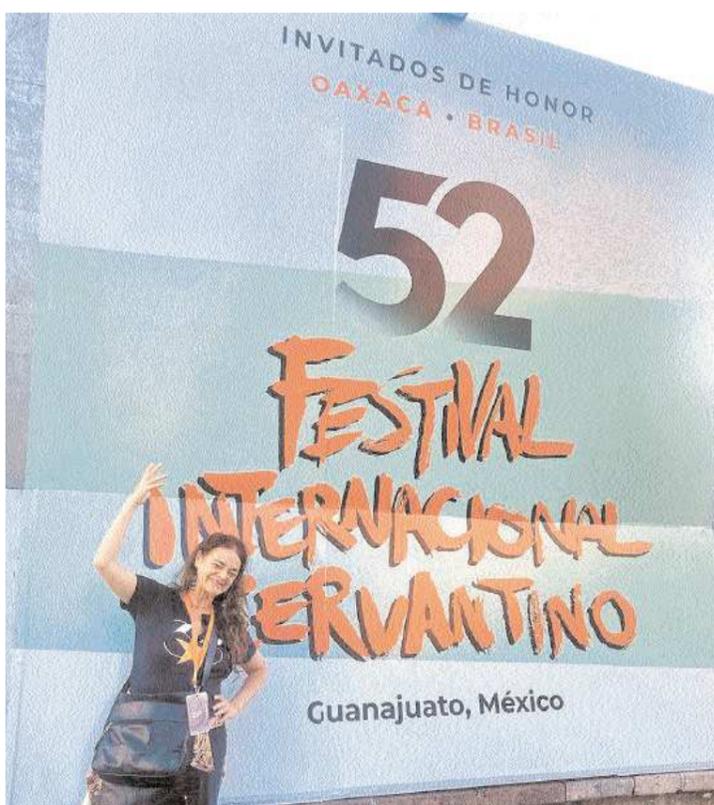
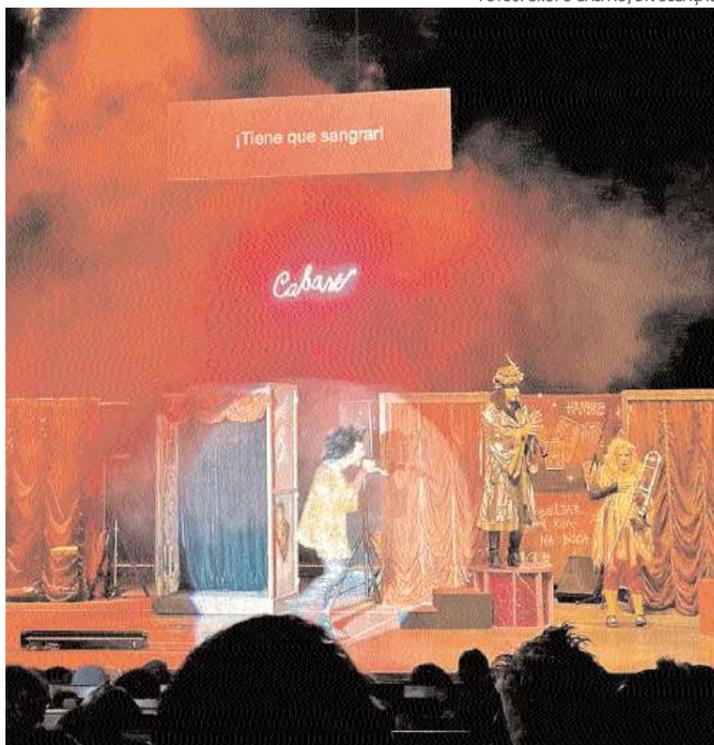
Guanajuato teria muitas opções de turismo, mas, como não sobra tempo, optamos por uma rápida passada no teatro Benito Juárez, com sua imponente e eclética construção e uma fachada neoclássica que salta aos olhos. O palco está sendo ocupado pela montagem do espetáculo “Enquanto você voava, eu criava raízes”, dos queridos amigos do grupo “Dos à deux”, que também está na programação do Cervantino.

Fim do breve período de turismo e já estamos no palco do teatro Principal, para preparar a contrarregragem, fazer a passagem de som e tentar ajustar as novidades (que não são poucas!), como as cenas faladas em espanhol e a entrada de Paulo André no papel do dono do Cabaré, em substituição a Teuda, que não está abandonando o papel, mas foi simplesmente poupada dessa empreitada, que seria um pouco puxada demais para uma pessoa de mais de 80 anos. Prova disso é que saímos do ensaio às 23 horas, e estamos marcados, para ajustes da cena do novo patrão do cabaré, amanhã às 11 da manhã.

SÁBADO, 12/10

O dia começa com uma “charla” com estudantes de teatro e com a imprensa, sobre a história e o trabalho do Galpão, com especial ênfase no Cabaré que apresentaremos à noite. Falar do Galpão é, necessariamente, falar da diversidade de caminhos e de um trabalho que tem conexão muito forte com a comunidade. Quanto ao cabaré, ele acaba nos remetendo muito à própria história do teatro mexicano. O país tem larga tradição nesse campo. Alguns exemplos dessa força são Astrid Hadad, Jesusa Rodríguez, Liliane Felipe e o grupo “Las Reinas chulas”. Todas elas mulheres que desenvolveram um trabalho de contestação política e social típico da natureza do cabaré. Jesusa e Liliane foram as primeiras lésbicas que tiveram o casamento oficialmente reconhecido no país e criaram um espaço de resistência criativa que marcou o panorama teatral da cidade do México, o famoso teatro-bar “El hábito”. O mesmo espaço que, anos depois, transformou-se no teatro-bar “El vicio”, comandado agora pelas “Reinas chulas”.

FOTOS: GRUPO GALPÃO/DIVULGAÇÃO



Durante a conversa, decido, educadamente, dispensar a tradutora e falar num “portunhol” que acaba criando maior empatia com o público. A trajetória de 42 anos do Galpão causa muita curiosidade, e o debate fica animado e cheio de perguntas. A “charla”, feita no próprio teatro, tem que ser interrompida porque o elenco precisa retomar os ensaios para a substituição da dona do cabaré.

O tempo é curto. Passamos, algumas vezes, a cena do embate do patrão com os funcionários/artistas do cabaré e tentamos ajustar detalhes das legendas. Depois de uma pausa para o almoço, voltamos ao palco, para fazer os últimos ajustes de som, sempre os mais complicados e que mais facilmente podem derrubar uma apresentação. Quatro da tarde. Fazemos aquecimento de voz, maquiagem, colocamos os figurinos e estamos prontos, à espera do público. As portas do teatro Principal abrem às 17h30, e o espetáculo começa, pontualmente, às 18h.

Chegamos ao clima da expectativa. Afinal, é para esse momento de encontro com o público que tudo é feito. A reação acaba sendo bastante positiva, e, até mesmo, surpreendentemente festiva. Não podemos servir bebidas alcoólicas, o que parece um pouco alheio ao espírito de um cabaré. Mas as pessoas embarcam na proposta. Alguns espectadores se declaram surpresos com a radicalidade e a contundência da crítica política. “É Brecht!”, respondemos, numa espécie de justificativa. Mas as considerações de um público estrangeiro nos fazem pensar até que ponto o espetáculo de fato reflete uma reação a tudo que enfrentamos com a pandemia e a violência de uma estrutura de poder que, no Brasil, por quatro anos, arquitetou uma campanha insidiosa contra o país e sua cultura. Talvez a elaboração mais direta e menos sutil seja um reflexo a esse duro embate com um governo de extrema direita.

A situação política do México, aparentemente, parece que vem se mostrando mais estável. López Obrador, o AMLO, como é conhecido entre a população, deixou a presidência com aprovação popular de mais 60%. Ele parece focado na questão da diminuição da miséria e da desigualdade social, numa perspectiva um tanto distante do neoliberalismo tão apreciado por nossas elites. A eleição de sua sucessora, Claudia Scheinbaum, a primeira mulher presidente(a) de um país marcadamente machista, aconteceu de maneira natural e sem sobressaltos. A nova presidente(a) é uma mulher educada, preparada, vencedora de um prêmio Nobel da Paz como integrante do Painel de cientistas climáticos da ONU, em 2007, e proferiu um belo discurso de cunho marcadamente feminista em sua posse. Aparentemente, as coisas parecem afinadas e com boas perspectivas, ainda que alguns setores, inclusive da esquerda e ligados à universidade, não deixem de criticar o MORENA – Movimento Regeneração Nacional, ao qual AMLO e Claudia são ligados, como marcadamente populista, e que passa longe de tocar nas profundas causas da pobreza e da desigualdade no país.

O fato é que, numa percepção superficial de quem não vive o dia a dia da realidade, as pessoas no México parecem mais amenas e sociáveis do que no Brasil. As discussões de temas espinhosos, como a eleição de membros da Corte e do judiciário, parecem ser conduzidas de forma mais equilibrada e com espírito público. Ao travarmos contato com um povo sempre tão simpático e receptivo, custamos a acreditar que estamos num país com taxas tão altas de criminalidade, com tantos assassinatos e chacinas.

Ao final, tiramos fotos com o público, a equipe do festival e do teatro. Estamos aliviados, o público parece contente, algumas pes-

“Estamos no palco do teatro Principal, para preparar a contrarregragem, fazer a passagem de som e tentar ajustar as novidades (que não são poucas!), como as cenas faladas em espanhol e a entrada de Paulo André no papel do dono do Cabaré, em substituição a Teuda (Bara), que não está abandonando o papel, mas foi simplesmente poupada dessa empreitada, que seria um pouco puxada demais para uma pessoa de mais de 80 anos”

soas tecem comentários entusiasmados. A peça chegou às pessoas, que entenderam e foram tocadas. A comunhão presencial do teatro foi estabelecida e, de alguma forma, reverbera na vida das pessoas.

Terminada a desmontagem e a embalagem do material que retorna conosco ao Brasil, vamos, Inês e eu, até a inauguração da Casa Brasil em Guanajuato. A casa ocupa um belo casarão, e foi inaugurada com uma exposição de xilogravuras de J. Borges. As pessoas ficam curiosas e encantadas com a potência cultural que o Brasil encarna e, finalmente, o país vai se distanciando, cada vez mais, daquela triste e inversa imagem de um país pária do mundo.

DOMINGO, 13/10

Bem cedo, já estamos na porta da estância, aguardando a chegada do ônibus que nos levará de volta à cidade do México. Retornamos ao hotel para o almoço e, de lá, direto ao aeroporto, para tomar o avião de volta ao Brasil.

Acho que nunca tinha empreendido uma viagem de trabalho tão curta e intensa. O Cervantino segue, com muitas e boas atrações. Só conseguimos assistir à abertura, a chamada “La Guelaguetza”, um grande desfile festivo, apresentando a diversidade de músicas e de danças de Oaxaca. Só do Brasil, o Cervantino ainda traz atrações como o grupo “Clowns de Shakespeare”, a Cia. Debora Colker, Claudia Abreu, com seu monólogo de Virginia Woolf, Christiane Jatai, com seu espetáculo baseado no romance “Torto Arado”, o premiado “Macacos”, com Clayton Nascimento, “Ainda estou aqui”, dirigido pela Clarinha Kutner, além de vários shows musicais, como os de Céu, Lenine e Felipe Cato. Um cardápio bem representativo da diversidade cultural do Brasil.

Depois de praticamente 28 horas de viagem entre Guanajuato e Belo Horizonte, estamos de volta. Desnorteados, sem fuso e sem chão, querendo apenas um pouco de descanso. Que, aliás, não vai durar muito. Vida que segue. No sábado seguinte, temos apresentação do espetáculo “Till, a saga de um herói torto” e, no começo da outra semana, começamos um trabalho musical com o músico e ator Federico Puppi, para a próxima montagem. A gente pena, mas se diverte. FIM. ■

◆
EDUARDO MOREIRA é ator e um dos fundadores do Grupo Galpão

PRIMEIRA LEITURA

“Acrobata”

ALICE SANT’ANNA

“salto ornamental”

os poucos segundos diante da câmera
 não fariam jus anos (uma vida
 inteira) de ensaios e dores musculares
 e alimentação regrada e tantas outras privações
 os poucos segundos mostram
 a atleta no trampolim
 ela se prepara para o salto
 que quem sabe
 vai lhe render uma medalha
 uma vaga nas olimpíadas
 a consideração de alguém tanta coisa
 o treinador apreensivo finge
 tranquilidade no telão
 vai dar certo já fizemos isso infinitas vezes
 ela se prepara para o mergulho
 pensa que o melhor é não pensar
 em nada
 transmitir coragem e autoconfiança
 os fotógrafos bastante entediados
 sem conseguir entender o que dá
 a certos atletas um décimo a mais um a menos
 no fim das contas é só um pulo na piscina
 a não ser que erre feio
 que caia de costas ou de barriga
 que uma perna vá pro lado
 que um braço não fique junto ao corpo
 a não ser que o mergulho seja bruto
 e suba muita água a não ser que seja
 algo menos que perfeito
 o passo de dança ensaiado em cada milímetro
 que começa com um sorriso e termina
 com a piscina recebendo a atleta sem alarde
 sem ondas na água quase
 como se nada tivesse acontecido
 a atleta se prepara é dada a largada
 na hora do salto sabe-se lá
 o que se passa na cabeça
 enquanto finge não passar nada
 ela corre com destreza no trampolim
 e mergulha na água de cabeça
 sem o mortal
 sem as três piruetas
 sem a manobra prevista
 que treinou a vida toda e lhe valeria
 uma medalha ou patrocinadores ou um aumento
 sobretudo a admiração de alguém
 ela esquece
 não teve vontade
 deu um branco vai entender
 mergulhou na água de cabeça

no telão a expressão incrédula do treinador
 o zero goro dos jurados
 os fotógrafos finalmente entretidos

“seis da tarde”

decidiu ter filho
 quando soube da morte do amigo
 a partir desse momento passou
 a ver o amigo quase todos os dias na rua
 ontem um pouco mais moreno
 hoje mais atarracado
 semana passada era um homem
 de negócios na faria lima
 de calça cáqui e camisa azul e crachá
 na última vez que foi a Ipanema viu também
 estava um pouco mais gordo de short amarelo
 provavelmente não usaria aquele short
 mas era ele
 quando ficou sabendo precisou
 dar a notícia aos amigos
 sentou na escada de incêndio do escritório
 e telefonou para cada um
 eram seis da tarde
 estavam todos indo embora

“vaga-lumes”

é o último dia do ano
 poderíamos dizer o apagar das luzes
 às nove da noite desligamos a casa
 e vamos para a varanda
 na escuridão esperamos até que os olhos se acostumem
 os vaga-lumes chegam aos poucos
 e de repente são dezenas
 assistimos à farra em silêncio
 broches que acendem e apagam no breu
 não digo nada mas em segredo
 duvidou um pouco que existam
 as luzes mais distantes são sempre estrelas ou naves
 as luzes assim tão próximas só podem ser
 fruto da imaginação
 deixamos que você se decida por si
 (se encarasse os bichos apagados
 na luz dura do dia
 o que você veria?)
 a essa altura você já deve ter percebido
 há coisas que beiram a fantasia
 para quem está o tempo todo
 sendo apresentado ao mundo
 se aparecesse um cachorro de duas cabeças
 você não se espantaria



“ACROBATA”

- De Alice Sant’Anna
- Companhia das Letras
- 82 páginas
- R\$ 69,90

SOBRE A AUTORA E O LIVRO

Nascida em 1988, no Rio de Janeiro, Alice Sant’Anna é poeta e editora. Publicou os livros “Dobradora” (2008, 7 Letras), “Rabo de baleia” (2013, Cosac Naify, prêmio APCA de poesia) e “Pé do ouvido” (2016, Companhia das Letras). Tem livros publicados nos Estados Unidos e no Chile. “Acrobata”, que acaba de chegar às livrarias, foi escrito ao longo de quase dez anos e, para Milton Hatoum, “deve ser lido em voz alta, como escuta de si mesmo e de tantos outros, e com a emoção do que pode ser vislumbrado através do espelho de cada página.”